

POSFÁCIO

*janine couto*¹, presente!

¹ A autora desse texto, inspirada nos escritos de bell hooks, grafa seu nome em letras minúsculas.

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só
Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma, mas não sou só
Sou uma, mas não sou só
Sou uma, mas não sou só
Sou uma, mas não sou só
Sou uma, mas não sou só
Eu sou uma, mas não sou só, 'mermo!
Povoada, de Sued Nunes, álbum Travessia, 2021.

Incrível não é?

As sensações que ativam os nossos múltiplos sentidos, a partir de nossas experimentações como sujeitas e sujeitos sociais, apontam para um fenômeno irremediavelmente potente: o que acontece no campo das intersubjetividades tende a se dilatar quando somos atravessados uns pelos outros.

Vocês já pensaram nisso?

Como diz a canção “Povoada” da compositora Sued Nunes, ainda nos primeiros escritos dessa página, independentemente de termos nossas próprias e únicas vivências em universos humanos singulares, uma porção generosa de nós nos arremessa a uma esfera coletiva a tal ponto de nos inquietarmos, de nos reverberarmos e de, em um turbilhão de vezes, nos exasperarmos conjunta e simultaneamente.

O côncavo e convexo...

A nossa condição de humanidade é justamente constatada cada vez que nos indignamos e nos sentimos tocados pelas coisas todas dos outros. Digo coisas boas, coisas ruins, coisas difíceis de serem sentidas sozinhas e que nós, na pequenez que nos caracteriza, nos apoiamos uns nos outros para senti-las.

Sozinhos não somos capazes de ser pulsão.

Parte daí, da necessária falta de condição de sermos sozinhos, da pulsão pela coletividade, do pensamento a partir do outro, da cotidianidade da corrida dos (des)afetos, que emerge a obra **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis**.

Essa obra, ambientada temporalmente no contexto da pandemia ocasionada pelo coronavírus, se traduz na insurgência de homens e mulheres que, para além de serem servidoras, servidores e estudantes do IF Baiano *Campus* Itaberaba, se constituem como combatentes atravessados por suas diversas lutas sociais que no cenário da recente fragilidade sanitária se tornaram ainda mais necessárias.

Já vai longe o pensamento insidioso que afirma que a pandemia atingiu todos e todas da mesma maneira. Os números, as mortes, a sistemática escassez de alguns e o acúmulo desmedido de outros desmentem com segurança e crueza tal afirmativa. Experimentamos um mundo amedrontado, inseguro e entrecortado pelas mais diversas interrogações.

A palavra de ordem era perder: perder afetos, amigos, a esperança, perder o ar.

Não consigo respirar¹.

Perguntas?

Muitas.

“O que fazer para não paralisar? Como fazer? Quem fará? Quando fará? Quanto custa fazer isso? Por que fazer isso? Onde será feito?”

Era preciso aprender.

Mas como aprender a caminhar em caminhos tão incertos?

Aprender, aprender, aprender...

Evidentemente que a educação não passaria incólume a esse contexto tão singular de fragilidade sanitária e, como já aconteceu em tantas outras vezes, ela, a educação, foi alçada ao mesmo tempo ao título de algoz e heroína.

Essa polaridade flertou incontáveis vezes com a letalidade.

De um lado, a valorização da ciência, a manutenção dos cuidados, a responsabilidade com a vida, a luta pela vida. Do outro, a negação da vacina, a demonização da ciência, a palidez das informações, o negacionismo, as *fake news*.

Essas *fake news*...

Em face dessa distopia, os escritos contidos em **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis**

¹ Para que não nos esqueçamos que em paralelo à pandemia, outras tantas “pandemias” como o racismo foram potencializadas. A frase foi dita pelo afro-americano George Floyd, mais de 20 vezes antes de morrer.

propõem debates aos moldes do aquilombamento² em que a perspectiva extensionista se articula com os saberes populares, protagonizando diálogos que valorizam o cotidiano e a formação continuada do(a) docente, testemunhando a urgente demanda por uma *Alfabetização Científica*.

Ademais, a obra escancara os abismos que historicamente solidificaram as desigualdades sociais do *espaço urbano capitalista* e que se traduzem na frágil oferta contemporânea de serviços básicos, em especial, para aqueles que mais necessitam, apontando que no contexto da pandemia essas desigualdades tornaram-se ainda mais cortantes.

A moldura social³ a que estamos submetidos é hábil em negligenciar determinados corpos.

Por conta disso, os sujeitos e as sujeitas, escritores deste livro, ousaram em assumir uma perspectiva anticolonial, pois debatem por dentro do livro **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis**, a partir de suas (in)experiências com o coronavírus, as (im)possibilidades do fazer pedagógico em meio a essa remotização educacional que tem uma conjuntura tão violentamente atípica.

Muito por isso, em contextos mais complexos, incluir seja algo especialmente desafiador. Percebam: se na presencialidade da escola já são muitas as barreiras da acessibilidade, imaginem na conjuntura da pandemia e consequente remotização das metodologias educacionais.

Hora de revirar as prateleiras da *crença docente e das concepções e representações sociais relativas ao ensino da pessoa com deficiência*.

Hora também de entender que na equação que alude à *pandemia e à educação*, os atravessamentos no trabalho do docente negro são tanto mais marcados pela dor e/ou cor social. Nesse ponto, a obra **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis** é enfática: *na encruzilhada interseccional entre raça e classe* a pungência da desigualdade entrega um determinado corpo à exclusão, e esse corpo é negro.

Essa consciência é particularmente cruel e amputa a força para olhar os *números que desenharam e ainda desenharam a situação das pessoas ne-*

2 Aquilombamento ou aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência coletiva e contra-hegemônica.

3 Para Boaventura de Souza Santos essa moldura social emerge do racismo estrutural, que não admite que o corpo negro seja associado às posições/condições socialmente prestigiadas.

gras na conjuntura da pandemia. Ademais, são os demônios que vêm à mente para assustar as noites mal dormidas.

Coletiva e individual, a pandemia e sua lente de aumento trataram de apadrinhar outras tantas fragilidades. A necessidade de estar em casa para conter a propagação do vírus, os famosos “toques de recolher” e o isolamento social tornaram cada vez mais abertas as rachaduras das casas, das nossas famílias, de nossas vidas e de nós mesmos, que, agora, precisávamos lidar com o fenômeno das ausências.

Muitas ausências.

Somos povos de ancestralidade africana, somos corporais, somos uma nação sensorial. *Sociedades mais abertas, como o Brasil, sofrem mais estresse e tensão com a condição de isolamento. Para nós, as interações físicas como beijos, abraços e apertos de mão são importantes.*

A ausência do toque nos adoeceu...

Entretanto, é preciso esperarçar.

Esperança com *Decência e boniteza*. Firmes e de mãos dadas como diria bell hooks⁴. É preciso ainda tecer outras tantas reflexões que orbitam na ambiência escolar protagonizadas pela interface discente-docente. Aqui, o livro **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis** aponta que não existe duelo e que a busca é pelo diálogo.

Nessa busca, as tentativas são muitas, os erros são constantes e o (re) fazer é diário. A gente vai tateando. São muitos os app's, as plataformas, as APNPs, os *links*.

Isso. Os *links*.

Termos que desafiam nossas possibilidades de (re)existência e nos fazem flertar com *incômodo anonimato câmera desligada*.

A tela, a falta do áudio, as iniciais do nome e a incerteza do outro.

Mas, a “*vontade de viver e a busca pela autonomia*”, a bravura de Freire e a insurgência no debate, a educação significativa e a construção do sujeito emancipatório, como bem traz a obra **Educação e pandemia: relatos de experiência, abordagens críticas e futuros possíveis** nos acalenta ao afirmar: não há tempo perdido quando pensamos em um ensino que busca a autonomia e a emancipação.

4 Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks, nome que autora e ativista negra utiliza em homenagem a sua avó, é uma filósofa afro-americana que debate amplamente as questões relativas ao feminismo negro. hooks adota como atitude de luta contra-hegemônica a grafia em letras minúsculas de seu nome.